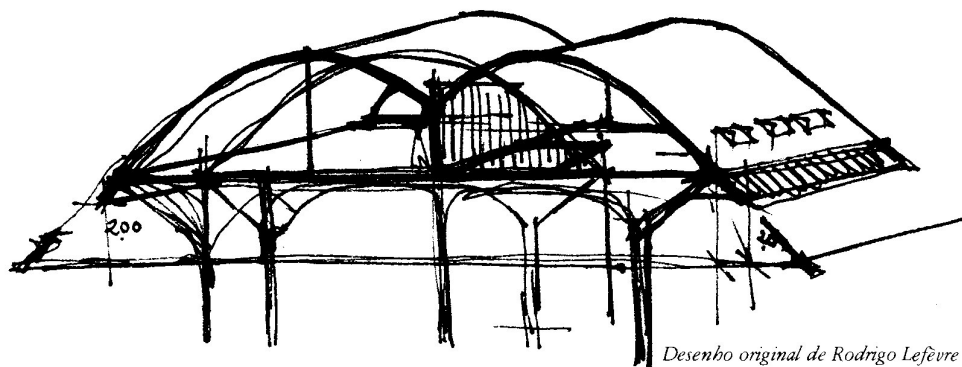


# HOMENAGEM A RODRIGO LEFÈVRE



## IN MEMORIAM

*A velha casona da rua Morgado de Mateus era quadrada, feia, sem graça. Teus amigos, à frente o Juarez, te pediram para dar um jeito nela. De tua mente, e da do Félix também, pelas mãos dos operários, a velha casona transformou-se em habitação da utopia. Um projeto-utopia para abrigar a utopia de um centro de pesquisas independente, participante, aberto e crítico. Na velha casona, hoje cheia de graça, paira no ar, às vezes irônica, a elegância que teu engajamento nunca desprezou, a mesma com que volteavas no Sandálias de Prata. Exigindo de nós refazer quotidianamente, pela palavra, o compromisso do projeto-utopia, idealizado, traçado, concebido pelas tuas mãos e as do Félix, materializado pelo trabalho dos operários.*

O Editor, em nome do CEBRAP

## RODRIGO LEFÈVRE, ARQUITETO

Gabriel Bolaffi

Muito mais do que a lembrança do amigo, tão caro a todos e tão prematuramente desaparecido, esta é uma homenagem ao arquiteto, à sua obra e à sua utopia, plausível e possível.

Desde os tempos de aluno da FAU-USP, quando junto com Flávio Império e Sérgio Ferro começava a ensaiar os

primeiros projetos, em 1960-61, Rodrigo preocupou-se muito mais com a *máquina de fazer casas* do que com a *máquina de morar*, concepção de Le Corbusier tão em voga na época. A preocupação com a máquina de fazer casas ou, em outras palavras, com as casas feitas à máquina, decorria das suas atitu-

des sociais e políticas, da dimensão do seu amor à humanidade, próxima ou distante. Para Rodrigo Lefèvre, a principal função da arquitetura era a busca incessante de formas de organização e de produção do espaço edificado e das respectivas técnicas de edificação, que permitissem uma significativa redução dos custos do habitar.

Reduzir os custos para democratizar o acesso à habitação e a equipamentos dignos do homem contemporâneo — a busca da dignidade muito na frente daquela de valores estéticos efêmeros — foi o traço marcante e sempre presente nas obras de Rodrigo. Não que lhe faltasse sensibilidade para o belo. Mas a beleza em arquitetura, para ele, como bom discípulo de Artigas que foi, era atingida muito mais pela simplicidade das formas e dos volumes e, principalmente, pelo empenho em não escamotear o processo construtivo. Assim, só para dar um exemplo banal, mas significativo, nos anos mais recentes, sempre que possível, suas casas evoluíram do conduíte aparente para a simples eliminação do conduíte: "Pra que conduíte, se os revestimentos sintéticos da fiação produzida hoje asseguram a necessária proteção?"

Rodrigo sempre buscou a utopia. Embora ciente de que ela não se encontrava em lugar algum, agia sempre convencido de que seria capaz de ajudar a construí-la. Foi assim na sua vida particular, pegando em armas contra a ditadura, e assim também na sua carreira profissional, quando partiu para Guiné-Bissau com o objetivo de implantar uma rede moderna de saúde pública, destinada a uma população culturalmente marginal entre o neolítico, ou quase, e a informática; cuja classe dirigente dizia acreditar no socialismo. Até a sua tese acadêmica, síntese brilhante das suas preocupações com arquitetura, foi assim: *Projeto de um Acampamento de Obras: uma Utopia*. A consciência do caráter utópico da sua concepção de mundo, a consciência de que somente num mundo diferente a sua visão de arquitetura poderia talvez deixar de ser utópica, o levou a desenvolver uma intensa prática pedagógica. Essa preocupação didática, tão explicitamente manifesta na sua tese, constituiu outro traço marcante dos seus projetos e obras, das suas aulas, e até nos bate-papos descontraídos, copo de caipirinha na mão, ele estava sempre empenhado em agir e raciocinar segun-

do um contexto em movimento, na direção da sua utopia.

Mais uma vez, sua arquitetura é a melhor demonstração. No seu pavilhão de ambulatórios do Hospital das Clínicas, uma obra de mais de 10.000 m<sup>2</sup> de área construída, os espaços foram dimensionados na pressuposição de que os médicos cumprissem seus horários de trabalho; assim, o congestionamento, previsto e antecipado, nas salas de espera, está lá, pedagogicamente, anunciando que alguma coisa precisa e vai mudar. Outro exemplo é a casa do Juarez Lopes: nas duas laterais externas da dupla abóbada alguns detalhes parecem deliberadamente inacabados, tal qual engates, só para mostrar que o custo daquela casa seria sensivelmente mais baixo se em todo o quarteirão se repetisse o mesmo módulo, racionalizando a produção e gerando economias de escala.

Ao longo dos seus 23 anos de carreira, estupidamente interrompida por um acidente automobilístico, sua arquitetura não permaneceu estática. Nas suas primeiras obras, as casas da rua João Moura e outras da mesma época, recorreu ao concreto aparente utilizando-o simultaneamente como estrutura e vedação. Era um avanço para a época, aprendido com o mestre Artigas. Mas já no final da década, contudo, reintroduziu, até certo ponto, a separação entre estrutura e vedação, que voltou a eliminar quando criou juntamente com Sérgio Ferro as edificações em abóbada. O concreto, dizia, é um material dócil que se presta à concepção de formas audaciosas e arrojadadas, mas na vedação, por ser péssimo isolante térmico, hídrico e acústico, melhor substituí-lo pelo velho tijolo, o qual em algumas abóbadas pode até trabalhar estruturalmente. Essas abóbadas, por sua vez, até porque o empolgavam com verdadeira paixão, jamais foram pensadas por Rodrigo como um modismo ou como um clichê. Muito pelo contrário, não cessaram de evoluir, cada uma diferente das anteriores, resultado ou de novas pesquisas sobre as propriedades das formas parabólicas, ou das características do solo e do espaço disponível.

Por todas essas razões, a presença estimulante do Rodrigo faz muita falta; aos amigos e à arquitetura brasileira.

---

Gabriel Bolaffi é sociólogo e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

# CANTEIRO

Héctor Olea

a Rodrigo Lefèvre

( 生生 Tao, L)

o de sempre:

a verdade  
como o poema  
quando não se conhece  
se vive

finalidade da vida:	seres vivos
finalidade da arte:	obras vivas

por exemplo:

*Projeto* suponha-se um momento  
*de um acampamento* e ponha-se em movimento  
*da obra:* toda uma máquina de imaginação  
*UMA UTOPIA* que habilite o leitor  
a habitar o poema

- instalar o canteiro

*um sim simples* Transformar o canteiro  
*ensina não-palavras* da obra  
*RES NON VERBA* onde se erguem  
*do poema* os barracos dos operários  
*A simplicidade não tem nome* numa espécie de escola:

- conhecer o operário

*um Geraldo* cujo eixo do mundo  
*"o maçarico"* manda traçar  
*SOL DA SOLDA* uma linha reta  
*saiu esta semana* que atravessa  
*da colônia* o centro vazio  
*instituto/penal* /até unir dois pontos  
*para se integrar* (indo e vindo)  
*à integridade da obra* de qualquer lugar  
*autógena* a qualquer jeito:

- alinhar os eixos

*individualidade* Um centro  
*é inseparável de comunidade* de formação  
*tudo cresce* de pedreiros  
*e opera* marceneiros  
*o poema* desenhistas e  
*independentemente* do próprio arquiteto

- abrir as valas

*morreu* Todo projeto  
de casa interior  
passa antes por um estudo  
*acidente* preliminar  
*sábado* da história interna

- colocar os alicerces

*Mar adentro* na Guiné Bissau  
*há conhecimento a fundo/* Projetos  
*azul profundo* de ampliação  
*parece* da rede  
*metáfora de fundação* hospitalar  
*de perto:* Reconstrução Nacional

- erguer as paredes

*Ele é síntese* ... paredes  
*da contribuição em negrito* de escuridão  
*em períodos de negritude* que aprisionam  
*(entre parênteses)* a noite austera  
*além da prancheta* duma autoridade  
*poesia* e atos  
*na militância política* sem autores  
*O MUNDO:* obra anônima

- formar a estrutura

*"se não  
existe a possibilidade  
de uma criação  
coletiva  
é preciso  
que ela seja criada"* A Lição:  
AURA NA OBRA  
aparição única  
do longe  
por mais próxima que esteja

- concretar

ANDARILHO BOM      minha perplexidade  
                                 assiste atônita  
                                 aos tantos tons  
                                 do fim plasmado do dia  
                                 : o badalo na obra  
NENHUMA PEGADA      descanso pasmado

- imprevistos

- O BRASIL PEDE ASILO A SI MESMO -

- retirar as formas

*QUERER:* ser querência  
*OPTAR:* ser ruptura  
*VOLTAR:* ser revolta  
*considera* um problema  
*o corpo como o mundo* não tanto de forças  
                                 como  
*ama o mundo* de aplicação  
*como seu próprio corpo* de forças

- chegar à cobertura

*Só pelo* para fazer cantar  
*fato de não ter sido* o ponto de apoio  
*entendido* é preciso  
*é que me esforço* de apoio  
*e faço* para que cante  
*questão de* primeiro  
*oferecer uma imagem:* o canteiro  
*dele/* EUPALINOS

- fixar os vãos

deslocamento de pontos  
*uma janela* de vista outra vez  
*uma luz* de convergência ou talvez de fuga  
*uma porta* por trás do através  
*o acesso* onde posso detectar  
*perspectiva em vão* uma ordem  
uma crise uma regularidade  
de identidade simetrias e retornos  
*Sim* eternos  
*não é* ante portas que se escancaram  
*um arquiteto* para ninguém e  
*que deixa* janelas que se fecham  
*4 ou 5 casinhas* não se sabe por quê  
*/* a obra abre  
uma única saída  
: o poema

- habitar o poema

isto é:  
convive-se  
enquanto não se reconhece  
como o problema  
de verdade

---

princípio da vida: *entes,*  
princípio da arte: *e não antes*

---

/ existência é insistência  
viver: *vital*

---

Héctor Olea é poeta e arquiteto mexicano; elabora tese de mestrado na Unicamp sobre Guimarães Rosa. Traduziu *Macunaíma* para o espanhol.

---

**Novos Estudos CEBRAP, São Paulo**  
**n.º 11, pp. 30-33, jan. 85**

---